

OS NOVOS DOMÍNIOS DE CLIO: HISTÓRIA CULTURAL, CAMPO DE SABER, CONCEITOS E POSSIBILIDADES.

Telma Bessa Sales¹

Francisco Diego Soares Farias²

Resumo: Nessa ocasião apresentamos uma discussão sobre as transformações ocorridas no seio da constituição da disciplina História na segunda metade do século XX. Neste processo foram propostas novas problemáticas, outros olhares, interpretações e, por que não dizer, uma “nova” forma de fazer a História, abordar e narrar o passado, culminando com a promoção da famosa “Nova História Cultural.” Contudo, nos debruçaremos de início na tentativa de desvendar, ir mais ao fundo e portanto, escavar mais o campo de saber de nossa disciplina, objetivando explicitar o por quê dessas transformações; como se deram e suas conseqüências. Partimos nesse trabalho de alguns apontamentos levantados de início por Sandra Jatahy Pesavento em seu livro *História & História Cultural*, no entanto, tentamos aprofundar algumas das questões levantadas pela autora indo além de seu texto.

Palavras-chaves: Clio. História. Cultura.

Abstract: On this occasion a discussion of the changes occurring within the constitution of the History in the second half of the twentieth century. In this process, new problems have been proposed, other viewpoints, interpretations, and, for that matter, a "new" way of doing history, address and narrating the past, culminating in the promotion of the famous "New Cultural History." However, we will lean start trying to figure out, go to the bottom and therefore dig the field of knowledge of our discipline, aiming to explain why these transformations, as given and its consequences. We started this work at first raised some notes by Sandra Jatahy Pesavento in his book *História & História Cultural*, however, try to delve into some of the issues rise up beyond the author of your text.

¹ Professora Efetiva do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – Sobral-CE.

² Graduando em História na Universidade Estadual Vale do Acaraú – Sobral-CE.

Artigo recebido em 02/12/2011. Aprovado em 16/12/2011

Keywords: Clio. History. Culture.

INTRODUÇÃO

“Para que haja disciplina é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de formular indefinidamente, proposições novas” (Michel Foucault)³

O Monte Parnaso, onde residem as Musas, vive um momento ímpar no decorrer de toda sua história: nunca nesse lugar se vivenciou, epistemologicamente falando, a efervescência das transformações do saber histórico. Nem mesmo Clio, a musa da História, e principalmente seus pais Zeus e Mnemósine, poderiam imaginar como os domínios de sua filha estavam tão em alta e bem diversificado entre as ciências. Sua mãe Mnemória (memória) confirma isso, ao relatar no Monte Parnaso que as coisas mudaram, que os domínios de sua filha se entenderam mundo a fora e que novos objetos, temáticas e olhares vieram a tona, apaixonando os seres humanos, levando-os a elegerem Clio como rainha das ciências legitimando-a diante das outras musas na autoridade de registrar o passado e narrar sua historicidade.

Contudo leva-nos de imediato a questionarmos porque o Monte Parnaso vive um momento singular? Quais motivos contribuíram para essa situação? Por que Clio foi promovida? Que transformações foram estas? E quais suas conseqüências? Para isso nos transportamos ao Monte Parnaso, e por conseguinte também historicizamos os domínios de Clio, problematizando seus atributos e explicitando seu raio de ação atualmente.

Nada mais salutar do que começarmos com a epígrafe acima citada, que nas palavras de seu autor enuncia: o fio condutor de um campo disciplinar, seja qual for, sempre será histórico. Assim foi se desenvolvendo e se colocando como novo campo de saber e como tal, em todos seus momentos e contexto, não pára de se atualizar, objetivando sempre se aproximar com as verdades, uma vez que, seus construtores (os homens) a todo tempo buscam suas verdades e utilizam a ciência em prol destas. Dessa forma definem e redefinem seus objetos de estudos tentando sempre responder suas

³ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7ª Ed- São Paulo: Loyola, 1996.

dúvidas e inquietações, e conseqüentemente colocando em xeque verdades ou esquemas e estruturas absolutas na explicitação da realidade.

A História como qualquer disciplina está circunstanciada por um movimento dialético inerente ao seu campo do saber, que por sua vez, inclui e exclui para fora ou para dentro de seus domínios, conjuntos de saberes, proposições e interpretações. Estes almejam sempre dar conta de inquietações, na busca incessantemente de convencimentos para com os homens e suas verdades, e principalmente, com intuito de explicitar seus objetos de estudo, no caso, o passado:

Redistribuições recorrentes que fazem aparecer vários passados, várias formas de encadeamento, várias hierarquias de importância, várias redes de determinações, várias teologias, para uma única e mesma ciência, à medida que seu presente se modifica: assim, as descrições históricas se ordenam necessariamente pela atualidade do saber, se multiplicam com suas transformações e não deixam por sua vez, de romper com elas próprias.⁴

Não podemos negar que todo campo de saber está produzindo continuamente olhares sobre si mesmo, em conformidade com as metamorfoses inerentes ao seu interior e exterior, aproximando ou expelindo verdades. Talvez Clio nunca tenha pensado que seus domínios se estenderiam tanto a ponto de eles próprios (campo disciplinar ou produção de saberes) seres problematizados, ao ponto de questionarem se a História tem ou não compromisso com a verdade e por conseguinte, se é ou não uma ciência. Embates e conflitos surgem aí dentro dos domínios de Clio, o que, segundo José d'Assunção Barros, chama de “campos intradisciplinares: divisões dentro do campo disciplinar que se especializam em outras áreas na História: história das mentalidades, cultural, econômica, etc”⁵. Estas mesmas peculiaridades são o ‘carro chefe’ que contribuem para uma discussão que pode ser positiva ou negativa dentro da disciplina, à medida que problematiza o real sentido dos embates. Segundo este autor:

Mediante esta regularidade as disciplinas acabam assumindo formas para se estabelecerem frente a outras: dessa maneira, pode se dizer que o processo de surgimento de um novo campo

⁴ FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. 6ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universidade. 2002.

⁵ BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: Princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

disciplinar adquire, por vezes, muito mais a aparência de uma verdadeira luta que se dá no interior da arena científica do que a aparência de um parto.⁶

É nesse sentido que podemos de início analisar as transformações nos domínios de Clio e o advento de novos paradigmas de explicação da realidade: 1º) como bem demonstrou Michel Foucault existe certos números de procedimentos que têm a função de controlar os discursos e por conseguinte, o saber institucionalizado; 2º) não podemos estudar as mudanças epistemológicas em uma ciência, no nosso caso a História, negligenciando os aspectos inerentes ao seu campo de saber, que por sua vez são invariavelmente atrelados à disciplina e que, de certa forma, são a razão de sua existência; 3º) é fundamental esclarecer o seguinte ponto: quem cria as ciências é o homem, e por sua vez, este lhe dá o poder de verdade, pois como bem demonstrou Nietzsche, “a verdade não é descoberta, ela é inventada pelos homens”⁷. Não podemos analisar os domínios de Clio sem primeiro refletir sobre as peculiaridades de uma disciplina, que, por conseguinte, é de suma importância para nos ajudar a entender e explicitar o jogo de elaboração de um campo de saber, uma vez que tal exercício nos possibilitará a elucidar o porquê de suas transformações.

Clio e o saber: uma arqueologia de sua natureza e seus domínios.

Considerando essas explicitações das disciplinas (que consideramos substancialmente importantes para começar uma discussão sobre as transformações no domínio de Clio) podemos nos debruçar agora na contemporaneidade da disciplina História.

Como bem aponta Sandra Jatahy Pesavento a História cultural está em alta, nunca se produziu e se leu tanta produção cultural em nosso país. Uma ‘virada’, segunda a autora, localizada a partir dos anos 90 do último século com a tão comentada crise dos grandes paradigmas explicativos. Atrelado, também ao contexto mundial de um conturbado mundo pós-guerra que, por sua vez instalara um novo regime de verdades com o fim de certezas normativas.

⁶ BARROS, José D' Assunção. Op. Cit. p.23.

⁷ MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. -3ªed.rev e ampliada. Rio de Janeiro;/Jorge Zahar Ed, 2006.

Esse processo interferiu profundamente no âmbito das ciências, em seus respectivos campos de saberes, proporcionando novos olhares e novas proposições anteriormente não trabalhadas pelos historiadores, que por conseguinte, culminaram com o surgimento de novos paradigmas de explicação da realidade. Dentre eles, como denomina Lynn Hunt a “Nova História Cultural” que se propõe a ler e interpretar o passado de um prisma culturalista. Os pós-modernistas, assim denominados esses autores, que contribuíram substancialmente para consolidação das novas propostas, encaram ou olham para o passado com olhos diferentes, ou porque não dizer duvidosos, mas que, no entanto, coerentes com o que propõem.

Estudiosos como Antonio Gramsci, Walter Benjamin, Michel Foucault, Michel de Certeau, Paul Veyne, Bachelard, Paul Ricoeur contribuíram para as rupturas de paradigmas, como aponta Sandra Pesavento, são considerados precursores da História Cultural. Apresentam uma insatisfação aos modelos explicativos da realidade e alternadamente delinearam novos rumos para a constituição de uma nova forma de saber. Este processo pode ser caracterizado como uma busca de respostas a complexidade da realidade hoje, “A era das dúvidas” na intenção da reinvenção do passado, do resgate dos sentidos conferidos ao mundo através de discursos, imagens.

“Novos olhares” é um termo que exprime bem a nova História cultural, no entanto cabe uma indagação: como se dá esse novo olhar? As fontes e os fatos não são os mesmos? Sim! Contudo, o ângulo que esse olhar é incidido sobre esse passado transformou-se. Uma vez que, com a História cultural, o historiador pode ler suas fontes são só amparado pela sua empiria, mas também amparado por uma gama de saberes interdisciplinares que levam a conceber a realidade por vários ângulos, principalmente, cultural. Levando-se em conta principalmente o lugar social em que este historiador está inserido, que maneira explícita seu olhar está atrelado, entende-se a complexidade de relações que se cruzam na historicidade de suas fontes:

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria de inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, sérias, relações.⁸

⁸ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. p.7.

A “nova História cultural” trouxe em seu bojo a complexidade do passado e principalmente dos textos, não como imagem absoluta do passado, mas como representação do mesmo. Dessa forma, subjetivou-o seu entendimento, culminando com um olhar duvidoso, por parte do historiador, que já o concebe como enigmático e opaco, que as fontes são indícios representativos de uma realidade que foi registrada.

É nessa perspectiva que autores como Paul Veyne, Paul Ricoeur, Hayden White dentre outros, afirmaram que a História é uma forma de ficção, tal como o romance, e, portanto literatura. É nesse sentido que Paul Ricoeur lançou, entre 1983 e 1985, os três volumes de sua obra *tempo e narrativa*. Para ele a ficção é quase história, assim como a História é quase uma ficção.⁹

É nesse ângulo e principalmente com a contribuição desses autores que os domínios de Clio foram se constituindo com novas interpretações e indagações. Um dos maiores responsáveis por essas transformações para a História foi a sua aproximação com outras disciplinas ou outras formas de saberes, como por exemplo, a antropologia, nesse sentido, como bem demonstrou Gramsci “nada e ninguém é o mesmo depois de um contato”¹⁰, o que indiscutivelmente aconteceu com Clio. A “nova História Cultural” ao abrir um leque de novos objetos de estudo também se municiou de novos saberes para melhor diagnosticar a realidade e, por conseguinte, se aproximar melhor da historicidade do passado. É nessa perspectiva que os principais diálogos que se deram no seio da História Cultural foram: a História com a arquitetura (ou ao urbanismo); a História a Arte e imagens; a História e a Literatura e principalmente entre a História e Antropologia/Filosofia e Sociologia.

Foi com esses instrumentos que seu discurso ganhou força dentro do mundo epistemológico, o que, por sua vez, possibilitou, por conseguinte, novos campos de atuação para o historiadores, com novos objetos de pesquisas, tais como: a escrita e a literatura, pois o historiador passou a questionar sobre quem fala e de onde fala, como os discursos são forjados na construção do real ou na representação deste. Uma outra questão é uma nova leitura do político pelo cultural na análise de discursos que

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª Ed.reimp-Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

¹⁰ GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 7ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.S.A,1995

objetivam representar, e estabelecer relações de força e poder. As cidades passam a ser um campo inesgotável de possibilidade para o historiador, uma vez que permite a interdisciplinaridade tanto com sociólogos, urbanistas, antropólogos e etc. Assim como abre uma gama de problemática, (imaginário, representação, cultural, etc).

Outra dimensão que podemos enunciar diz respeito às relações entre a História e a Literatura, uma vez que esta última tenta dar conta daquilo que o real não consegue formular, segundo Pesavento “Clio e calíope participam da criação do mundo, como narrativas que falam do acontecido e do não acontecido, tendo a realidade como referente a confirmar, a negar, a ultrapassar, a deformar”.¹¹ Um outro campo de pesquisa da História Cultural diz respeito as imagens, que não deixam de ser conjunto de enunciados como os discursos na (des)construção da realidade. A memória e historiografia se constituem outro fértil campo para o historiador cultural a medida que representam algo sem precisar de instrumento sólido ou escrito.

Como podemos perceber, Clio mais do que nunca saiu revitalizada de sua crise, conseguiu renovar suas forças e fortalecer suas bases e suas propostas frente as questões levando por um novo contexto pós-moderno que emergiu. Como por exemplo, os novos métodos que foram desenvolvidos dentro do seio da “nova História cultural” que permitiram, até certo ponto, propor que a “*História é uma ficção controlada pelas fontes.*” Esta pode se prestar à testagem, ou análise desse passado, segundo Pesavento: “a História é a ficção controlada pelo recurso ao extratexto, que é também registro e marca que revelam a exemplaridade do método segundo, a compor, estabelecer analogias, contrastar, superar, enunciados anexos.”¹²

Nesta nova empreitada seus métodos foram sendo lapidados para melhor dar conta de seus objetos de estudos, a medida que novos olhares e descobertas foram sendo apontadas. De certo modo, diferentes tipos de análise foram sendo elucidadas e colonizadas de outras disciplinas, na busca de uma compreensão e análise dos materiais empíricos a partir de um prisma cultural. Clio, portanto, se definiu e se redefiniu inovando em seus domínios e forjando novos conceitos explicativos para seus objetos de estudos e temáticas propostas. Dentre elas podemos aqui citar quatro principais

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit. p. 80.

¹² _____ . Op. Cit. p. 67.

instrumentos que Clio trouxe para o seu metier que foram de suma importância para sua revitalização e triunfo no Monte Parnaso: *Representação, imaginário, narrativa e sensibilidades* que trataremos nas próximas linhas.

Clio e seus novos parceiros.

Um dos primeiros conceitos que Clio trouxe aos seus domínios foi o da *representação*, que por sua vez, está atrelado aos processos de legitimação, exclusão, reconhecimento, identificação, classificação, identidade etc...Com esse conceito a “nova História cultural” pode analisar como os homens estabelecem ou projetam tanto a si mesmo como o mundo, identificando e construindo sentidos para os objetos e suas respectivas realidades. Sobre isso comente Pesavento:

Construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora bem como explicativa do real.¹³

As representações constroem o real, isto é, a partir deste se consolida dando sentido a uma certa realidade, assume o poder de se colocar frente a esta.

Tal conceito veio para a História cultural como um poderoso instrumento que melhor se aproxima dos estudos culturais, que sua vez, deseja entender as concepções de como a sociedade em cada momento organiza seus símbolos, concebe-os e decifra seu mundo, ou melhor dizendo, lêem e interpretam as coisas. Podemos citar, a título de exemplo dois belos trabalhos que se enquadram nessa linha de pesquisa e que trabalham exclusivamente com as representações. O primeiro deles é o livro de Serge Gruzinski: *“A guerra das imagens: de Cristovão Colombo, a Blade Runner (1492 – 2019)*. Nada mais interessante de que estudar a forma como o homem branco representou a América e conseqüentemente os povos ameríndios. Dentro dessa linha culturalista permitiu Gruzinski analisar o processo de nomeação, por parte do colonizador, da população americana projetando uma identidade tanto para os nativos quanto para seu mundo, por meio, principalmente, do confronto simbólico.¹⁴ É nessa linha da representação o

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit. p.39.

¹⁴ GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens:** de Cristovão Colombo a Blade Runner (1492-2019) – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

espetacular trabalho de Edward Said: “*Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*”. Com o conceito de representação este autor analisa e estuda o orientalismo, conceito que para ele estabelece uma relação de poder que, por sua vez, legitima e codifica relações sociais, econômicas e de dominação. O processo de construção de uma representação do oriente para o ocidente forjada a partir de um prisma cultural.¹⁵ A representação aí é um conceito riquíssimo nesse estudo, à medida que através dela pode-se analisar o jogo de construção dos sentidos e significados da realidade.

O *imaginário* passou a fazer parte das ferramentas utilizadas para Clio estender mais seus domínios e se consolidar entre as musas. Conceito este que, ao nosso entender, se diferencia da História das mentalidades de Jacques Le Goff, uma vez que, o imaginário trabalha em uma perspectiva dialética em que “formula o real e o pólo real é trabalhado, num constante movimento de circularidade”.¹⁶

Nessa medida a “nova História cultural,” através desse conceito, estuda como os homens a cada tempo constroem e projetam sentidos aos seus mundos. Como representam a si mesmos e a realidade: através de uma rede de símbolos forjam as conjunturas e formações sociais. Dotam, por sua vez, os significados vazios de sentidos, atualizando sempre a reversibilidade das imagens. Elucidando ressonâncias que camuflam por instantes sua infinita polifonia:

O imaginário trabalha um horizonte psíquico habitado por representações e imagens canalizadoras de afetos, desejos, emoções, esperanças, emulações, o próprio tecido social é urdido pelo imaginário suas cores, matrizes, desenhos reproduzem a trama do fio que os engendrou.¹⁷

Dessa forma o imaginário é de suma importância para os estudos culturais, uma vez que nenhuma sociedade pode ser estudada fora dessa categoria. Porque os homens constroem sistemas de referências ou representações coletivas na trama de forjarem um mundo paralelo de sinais e símbolos, que por sua vez constroem a realidade de maneira,

¹⁵ SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

¹⁶ SÔNIA et al. Org. Tânia Navarro. **História no plural**. Swain-Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

¹⁷ _____, Op. Cit. p.48.

até certo ponto, coesa. Articulam e vão dando dessa forma, sentidos a mesma e dotam de significados os objetos a sua volta.

A *narrativa* passa a ser outro elemento incluído para dentro do campo de saber histórico. Esta por sua vez traz consigo mesma uma forte discussão nos domínios de Clio. Uma vez que, é exatamente a partir desse conceito que Clio vai ser questionada ou problematizada quanto ao seu caráter científico ou literário e, portanto ficcional. Pois, a História enquanto narrativa não teria a potencialidade de explicitar verdades ou totalidades, mas, assim com a literatura a narrativa histórica seria atrelada com uma intriga, que por sua vez, deveria ser esmiuçada tendo em vista a aproximação com o passado e principalmente representá-lo. No entanto, com uma diferença crucial: o literato inventa seus fatos, que para ele é sua matéria prima de produção, o que difere do historiador, que deve debruçar-se em cima de seu material empírico. Contudo, ambas as operações estão circunstanciadas pela organização de um enredo na composição de uma narrativa.

O passado morto, ou seja, encerrado como tal, através da narrativa pode ser representado e substituído pelo sentido que o historiador lhe dá. É exatamente nesse sentido que as palavras, ou melhor, o discurso atrelado a um saber, que por sua vez, exerce poder de nomeação, mostra a sua potencialidade.

A narrativa consegue ocupar o lugar do passado, trazer a tona uma população de mortos, “coloca os estranhos num lugar útil ao discurso, dá inteligibilidade exorcizando o incompreendido para ele fazer o meio de uma compreensão”¹⁸ e dessa forma consegue exteriorizar seus sentidos para o presente:

A escrita tem como alvo uma eficácia social. Atua sobre sua exterioridade. O laboratório da escritura tem como função “estratégica” ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e assim transformada, ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-los.¹⁹

¹⁸ CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

¹⁹ _____ . **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ. Trad: Ephraim Ferreira Alves: Vozes, 1994.

Os textos sejam historiográficos ou propriamente as textualidades das fontes tornam-se aí um campo de muitas interrogações, uma vez que, pressupõe de imediato o vazio impreenchível que existe entre as palavras e as coisas, estas primeiras não conseguem expressar absolutamente as últimas, pois são sempre pobres e vazios de significados na exteriorização da realidade e de algo.

As mesmas palavras, ou melhor, o conjunto delas e portanto os enunciados, ou seja, o discurso já se encontra “articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio [...] a presença repressiva do que ele não diz: e esse não-dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz.”²⁰ Tornando, por conseguinte a escrita escorregadia, isto é, fazendo com que ela fuja do nosso controlo, como demonstrou Ítalo Calvino “*não existe linguagem sem engano.*” Portanto, o texto passa a ser um lugar de possibilidades, interpretações e, dessa forma, perdemos a sua direção, tornando-se um poderoso animal indomável.

Um outro conceito nos domínios de Clio ainda se impõe: as *sensibilidades*: “uma esfera primária das percepções humanas no mundo”. Tal conceito trouxe para o seio da História o estudo das subjetividades humanas, pois a História caberia estudar os homens e, portanto sua experiência. Entendemos que esta é formada tanto por seus sonhos, fantasias, angustia e esperanças quanto por seu trabalho, leis e organização social. Pois o processo mental que codificamos é como a capacidade de criar e projetar imagens ou representações, é um lugar comum, em que todas as nossas ações antecipadamente são concebidas e, por conseguinte, efetivadas. Essa conjuntura deve ser levada em conta ao estudarmos o contexto de ação de nossos personagens, pois segundo Pesavento:

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um redutor de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, aquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida.²¹

²⁰ FOUCAULT, Michel. Op. Cit. p.28

²¹ PESAVENTO, Sandra Jahy. Op. Cit. p.57.

Nessa medida caberia ao historiador descobrir a inteligibilidade das subjetividades, dos sentimentos e emoções circunscritos nas materialidades, que por sua vez, desempenham a função de exteriorização das experiências dos indivíduos em todo o tempo. As sensibilidades exprimem o imaginário culturalmente, e portanto historicamente construído, que os homens utilizam para se perceberem a si mesmos e o mundo a sua volta, estabelecendo significados para a realidade e dessa forma forjando também esta.

Considerações

Como podemos perceber Clio saiu mais revitalizada do que nunca de sua crise, conseguiu a partir de seus momentos de decadências, por parte de alguns de seus paradigmas, forjar novos e, por conseguinte atualizar suas ferramentas de desvendamento da realidade. Se pensarmos como estas últimas são dialéticas que quase sempre não saem da moda, entendemos o porquê de todas estas renovações e atualizações que Clio proporcionou aos seus domínios.

Clio trouxe a cena instrumentos poderosos para atender as suas necessidades frente as outras ciências na busca de construção de verdades. Gestando, ou melhor, apontando questões que muitos investigadores não percebiam ou negligenciaram por muitos tempos, detendo-se exclusivamente a análises fechadas e ao “pé da letra,” esquecendo ou ignorando as sensibilidades simbólicas inerente aos seres humanos e a sociedade. Deixando de lado pequenos ou “meros” ritos, símbolos e representações que não serviam de quase nada, mas que, para Clio hoje e seus paradigmas culturalistas, tornaram-se um campo inesgotável de historicidades como um abismo que quanto mais se cava mais distante ficamos de seu fim.

No entanto, é importante perceber que a “Nova História Cultural” não é a única ramificação da História com resultados positivos para a disciplina, todos nós sabemos dos ganhos obtidos com História social, marxista e positivista. Ou ainda, que a História Cultural seja a forma ou metodologia mais eficaz no estudo do passado. Sabemos de seus limites e fragilidades, e daqui algum tempo, como afirmou Peter Burke “acontecerá

uma reação a cultura,”²² porém, importa reconhecer e preservar os resultados alcançados pelos estudos culturalistas mundo a fora.

Clio certamente registrou em seus Anais e nas folhas do monte Parnaso, forjando sua memória para as gerações seguintes também experimentarem o momento de seu triunfo, assim como, mais uma vez, sua contextualização com o presente, não perde seu status e título, apesar de estudar e narrar o passado, é também hoje, musa da moda.

Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de Teorias da História. Bauru-SP:EDUSC,2007.

BARROS, José D’Assunção. **Teoria da História: Princípios e conceitos fundamentais.** Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

_____. **O campo da História: especialidades e abordagens.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

BURKE, Peter. **O que é História cultural.** Trad:Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis, RJ.Trad: Epharaim Ferreira Alves: Vozes,1994.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber.** 6ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universidade. 2002.

_____. **A ordem do discurso.** 7º Ed- São Paulo:Loyola, 1996.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História.** 7ºed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.S.A,1995.

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens: de Cristovão Colombo a Blade Runner (1492-2019) – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.**

GINZBURG, Carlo. **Os fios e os rastros: verdade, falso, fictício.** Trad:Rosa Freire d’ Aguiar e Eduardo Brandão.-São Paulo: Companhia das Letras,2007.

²² BURKE, Peter. **O que é História cultural.** Trad:Sérgio Goes de Paula.Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed.,2005.

_____. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia da História.** Trad: Federico Carotti. -São Paulo: Companhia das letras, 1989.

HUNT, Lynn. **A nova História cultural.** Trad: Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber.** 3ªed. rev e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

MALERBA, Jurandir. **Historiografia contemporânea em perspectiva crítica.** Org: Jurandir Malerba; Carlos Aguiar Rojas-Bauru. SP: EDUSC, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2ª Ed.reimp-Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção.** São Paulo: Companhia das letras. 1990.

SÔNIA et al. Org. Tânia Navarro. **História no plural.** Swain-Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

TOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou planetário de erros: crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1981.